

REPRESENTAÇÕES DO DESLOCAMENTO NO TEXTO LITERÁRIO

Claudia ALMEIDA*

- **RESUMO:** A definição de contemporâneo é problematizada por vários pesquisadores e sua caracterização vista com reservas por alguns e com entusiasmo por outros. Um fenômeno cada vez mais comum na atualidade parece-nos bastante presente em alguns textos literários dos últimos vinte e cinco anos: trata-se dos deslocamentos humanos, que têm motivações e implicações diversas. Exilado, refugiado, expatriado, emigrado, apátrida são algumas palavras usadas para indicar essas diferenças. No texto literário, as consequências desses deslocamentos para as construções identitárias são discutidas em um leque de representações variadas que confirma a pertinência de seu estudo como um dos traços presentes na literatura contemporânea. Na obra de Andreï Makine, o deslocamento, quase sempre em direção à França, se configura como a busca de um lugar mítico, de um Graal que, como na lenda, escapa à apreensão definitiva.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Contemporâneo. Deslocamento. Andreï Makine. Alteridade. Identidade.

Mal informé celui qui se croirait son propre contemporain.
Mallarmé (1897, p.260).

Buscando o contemporâneo

A frase de Stéphane Mallarmé, em epígrafe a este artigo, sintetiza a problemática de definição do contemporâneo. Um ano antes de sua morte, o poeta publica uma coletânea de textos em prosa nos quais analisa, entre outros, o interregno pelo qual estaria passando a poesia. Às portas do novo século, Mallarmé identifica o fim de uma estética e prevê o nascimento de outra, mas destaca a indefinição do tempo em que escrevia.

A prudência do poeta se justifica, pois a síntese de uma época é uma empreitada complexa que exige critérios para definir os limites espaciotemporais, o reconhecimento e o destrinchamento de variantes. Investir nessa reflexão

* UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Instituto de Letras – Departamento de Letras Neolatinas. Rio de Janeiro – RJ - Brasil. 20559-900 – cmp.almeida@yahoo.com.br

quando se está dentro desses limites é ao mesmo tempo temerário e necessário. Se o risco de conclusões embotadas pelos traços de vivências pessoais é permanente – e muitas vezes as marcas da parcialidade do olhar são claras nos resultados –, a proximidade temporal entre autor e leitor também é uma condição importante que favorece a identificação de aspectos próprios do momento de produção literária.

Em um artigo recentemente publicado, François Noudelmann identifica a “paixão genealógica” como uma das características do pensamento e de manifestações artísticas contemporâneas. Discutindo as implicações dessa supervalorização de filiações e de uma tendência arquivista, que busariam elaborar a síntese dos tempos atuais, o filósofo destaca o empobrecimento epistemológico e a redução prospectiva desse procedimento:

Como definir esse modo de presença de um passado não objetivável? A interpretação do presente sempre encontra o risco de uma síntese objetivante, seja para abrir o contemporâneo a um futuro radioso, seja para trancá-lo em uma continuidade genealógica. A tentação de apreender uma “época” está no centro de toda reflexão sobre o contemporâneo e ameaça aprisionar seu conteúdo e sua disponibilidade para o inédito. (NOUDELMAN, 2010, p.65)².

A tentação a que se refere Noudelmann se manifesta claramente nas tentativas de categorização da produção literária. Afinal, a escolha de nomes que representem projetos estéticos ou práticas textuais tem como base uma outra, anterior, a de traços, aspectos ou características pertinentes para a identificação de similitudes entre estilos e textos. Como em toda escolha, o descarte é uma consequência inevitável e o risco de aprisionamento do conteúdo – sempre redutor – uma consequência possível.

Entretanto, a atitude inversa, ou seja, a recusa de qualquer tipo de síntese também incorre em risco: o não reconhecimento de marcas novas – somente possível a partir de sua relação com fenômenos atuais – e, conseqüentemente, o estreitamento de perspectiva das questões presentes na literatura contemporânea.

A esse argumento, Dominique Viart (2005, p. 6-7) acrescenta a constatação de que a categorização será feita *a posteriori* e que o crítico literário tem o compromisso de discutir e problematizar a produção contemporânea:

Mas, esperar que a “posteridade” tenha feito a triagem e o trabalho não equivale a confiar em outros? Eximir-nos de uma responsabilidade que nos cabe? E a posteridade, sobre o que se baseia? Sobre a crítica jornalística? O “boca a boca”? Não podemos ter certeza de que esses critérios sejam melhor fundamentados do que outros. É preciso aceitar que nosso ponto de vista é relativo: à nossa forma de exigência, às questões de nosso tempo [...]

¹ Salvo indicação do tradutor, as traduções das citações em francês foram feitas por mim.

O questionamento do autor é particularmente pertinente para alguém que está inserido na Academia como professor e pesquisador. Viart assume o risco e propõe uma categorização da literatura francesa contemporânea cujos fundamentos poderiam ser ampliados e utilizados por outros conjuntos literários.

Também seguindo essa alternativa, Jean Bessière (2010, p.10-11) apresenta uma proposta complexa de identificação de características do romance produzido na contemporaneidade, que tem como um de seus princípios uma questão particularmente produtiva para a reflexão sobre esse gênero:

O romance contemporâneo apresenta a diversidade e a disseminação das pessoas humanas e faz dessa diversidade e dessa disseminação os meios para propor uma figuração do humano que não seja feita segundo identidades fortes – obstáculos a qualquer apresentação das “agentividades” e da problematicidade, obstáculos à busca da criação romanesca de acordo com a visão da diversidade e da disseminação.

O destaque para a representação dos personagens com identidades mais fluidas corrobora impressões e afirmações de inúmeros pensadores. A presença de identidades fragmentadas, de sujeitos desenraizados, de pertencimentos esmaecidos participa decisivamente da problematização de questões significativas de um certo homem contemporâneo, tais como a revisão de fronteiras geográficas, as motivações dos deslocamentos humanos, as estratégias de reconhecimento e contato com a alteridade, as conexões entre espaços e indivíduos. A figuração do humano, de que fala Bessière, se desenvolve nesse ambiente incerto e intrinsecamente problemático.

O caminho trilhado pelo teórico atravessa obras de diferentes conjuntos literários, mas não esgota a pluralidade de ideias e de representações do romance na contemporaneidade. O tom excessivamente afirmativo nos remete à tentação de apreensão de uma época, descrita por Noudelmann, à qual não nos parece pertinente sucumbir.

Entretanto, os traços do romance destacados acima são exaustivamente utilizados por alguns escritores, muitos deles indivíduos também deslocados, e se constituem marcas autorais desses textos. O foco permanente nas diferentes variantes da mobilidade territorial e linguística confirma uma certa inquietude – e, às vezes, angústia – que desassossega uma parcela do romance contemporâneo. Embora não seja o caminho único, o deslocamento é um ponto forte de parte da produção textual dos últimos vinte anos de alguns conjuntos literários, dentre os quais a literatura produzida em língua inglesa e francesa.

Seguindo esse viés, buscaremos refletir sobre as representações do deslocamento em alguns textos de Andreï Makine, autor que se desloca da União Soviética para a França e que escreve exclusivamente em francês.

Personagens deslocados

Muitas são as motivações e as formas de deslocamento. Ao discorrer sobre as implicações do exílio, Edward Said (2003) estabelece a impossibilidade do retorno por decisão de alguém que compartilha as mesmas origens – a exclusão, o banimento – como distinção entre o exilado e os outros deslocados. Nesse sentido, a ferida do exílio seria incurável e mais profunda do que qualquer traumatismo gerado pelo desenraizamento. Apresentando as diferenças entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados, Said (2003, p.54) afirma:

Embora seja verdade que toda pessoa impedida de voltar para casa é um exilado, é possível fazer algumas distinções entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados. O exílio tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro. Por outro lado, os refugiados são uma criação do Estado do século XX. A palavra “refugiado” tornou-se política: ela sugere grandes rebanhos de gente inocente e desnorteada que precisa de ajuda internacional urgente, ao passo que o termo “exilado”, creio eu, traz consigo um toque de solidão e espiritualidade.

Os expatriados moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais. Hemingway e Fitzgerald não foram obrigados a viver na França. Eles podem sentir a mesma solidão e alienação do exilado, mas não sofrem com suas rígidas interdições. Os emigrados gozam de uma situação ambígua. Do ponto de vista técnico, trata-se de alguém que emigra para outro país. Claro, há sempre uma possibilidade de escolha, quando se trata de emigrar.

Conquanto a tipologia de Said seja pertinente, não esgota a diversidade de situações dos indivíduos que deixam a terra natal e, conseqüentemente, as representações desses deslocamentos no texto literário. Além disso, sua definição de refugiado não prevê a posição individual, o que acontece com frequência. Também é preciso considerar a possibilidade de combinações entre essas situações. Andreï Makine, por exemplo, transita pelo refúgio, pela expatriação e pela emigração.

O professor siberiano chega à França no fim dos anos 80 do século XX (provavelmente, em 1987) como um dos integrantes de uma missão cultural da União Soviética, para ser leitor de russo em um colégio francês por um período de cerca de oito meses. Ao fim desse período, entretanto, ao invés de retornar a seu país – que vive a *glasnost* e a *perestroika*, lideradas por Mikhail Gorbachev –, permanece na França, solicita a cidadania francesa e inicia sua carreira literária em língua francesa.

Sua obra é povoada por refugiados, expatriados, emigrados, enfim, personagens desenraizados, que vivem entre duas culturas: a russa e a francesa. Assim, o narrador de *La terre et le ciel de Jacques Dorme* (SAID, 2003, p.14-15), escritor que busca

resgatar a história do piloto de guerra francês cujo avião se despedaçou em uma encosta congelada, volta ao seu país. A incongruência da situação é explícita:

E mais ainda os papéis que eu lhe apresentava. Aquele passaporte de apátrida que me autorizava a entrar “em qualquer país, exceto na União Soviética”. A União Soviética já não existia e essa proibição adquiria um sentido perturbador, quase metafísico. [...] Eu levava duas garrafas de conhaque. Segundo ele, uma apenas devia bastar. Uma garrafa achatada que o chefe do posto escorregou para o bolso do capote antes de soprar um pequeno carimbo índigo.

A condição de apátrida é particularmente ambígua. Se por um lado explicita a exclusão, por outro garante o não pertencimento absoluto. Para o apátrida, a fronteira não é obstáculo, mas também não é retorno. Não há para onde retornar. No trecho acima, a ironia é aguda: a origem é o único lugar para onde não pode voltar.

Esse retorno, que se reveste de ares de pesquisa para a escrita do livro, é, na verdade, a consequência da curiosidade em ver as mudanças ocorridas após a partida e a necessidade de verificar se existem marcas de um lar. Não há arrependimento, nem desejo de volta, mas o sentimento de fissura, de algo que não pode ser colado.

O apátrida analisa as mudanças ocorridas no país e não reconhece quase nada. A exceção fica para o centro da origem: “A Sibéria me fez esquecer esses reencontros frustrados. Nada tinha mudado aqui. [...] A terra continuava a mesma: infinita, branca, indiferente às raras aparições humanas.” (MAKINE, 2010, p.17-18) É exatamente o que não mudou que confirma a impossibilidade da volta, pois a imobilidade da taiga branca – recorrentemente mencionada na obra de Makine – é um dos fatores decisivos para a partida. O reencontro ocorrido determina o afastamento. Definitivo.

Em outro texto de Makine (1994, p.108-109), *Au temps du fleuve Amour*, a representação do deslocado assume a figura do emigrado. Três adolescentes siberianos descobrem, através do cinema, a existência de um mundo plural e se decidem pelo deslocamento em sua direção:

Mas nós tínhamos percebido o essencial: a surpreendente liberdade desse mundo múltiplo em que as pessoas pareciam escapar às leis implacáveis que regiam nossa própria vida – da mais humilde cantina de operários à sala imperial do Kremlin, passando pelas silhuetas das guaritas imóveis sobre o campo.

A principal motivação da partida é a busca da liberdade. Contudo, o filme francês ao qual se refere o narrador, e que causou uma verdadeira revolução na vida dos rapazes, não tem temática política e nem a liberdade como argumento. Trata-se do *Magnífico* (1973), paródia dos filmes de espionagem de 007, estrelado por Jean-Paul Belmondo. Na verdade, o filme revela, através dos comportamentos

rotineiros – alguns nem tanto, quando se trata de aventuras rocambolescas – dos franceses e, em larga escala, dos europeus, uma prática de liberdade desconhecida dos adolescentes. A descoberta de que é possível fazer escolhas profissionais distintas das determinações sociais da URSS, movimentações territoriais que não precisam ser justificadas e distribuição do próprio tempo sem o controle do Estado desperta o desejo de deslocamento, única alternativa para alcançar esse mundo.

A busca de liberdade é uma das principais determinantes da emigração. O desconforto ou o medo provocado por regimes e governos opressores estimula a saída da terra natal. Entretanto, a chegada ao destino não é indolor. Na maioria das vezes, ainda que o acolhimento seja bom e a participação social do emigrado bem-vinda, a cicatriz do desenraizamento não desaparece:

Hoje, neva em Nova Iorque. Ou talvez somente em *Brighton Beach*, esse arquipélago russo onde o redemoinho branco aviva tantas lembranças e enche de melancolia os olhos de todos esses filhos do Império caído que encaham aqui, chegando à terra prometida. (MAKINE, 1994, p.253)

O “arquipélago russo” é constituído, na verdade, pelos espaços onde se reúne a comunidade russa da cidade. Porque há uma comunidade russa. A manutenção de laços entre os que partiram da terra natal também é uma tentativa de reconstrução do que foi destruído, de proteção de fragmentos identitários, de preservação da circulação da seiva derramada pelo desenraizamento. No entanto, esse agregamento – que comprova a falta da origem – não é, na grande maioria das vezes, uma preparação para a volta. Voltar não é mais possível, pois as transformações sofridas pelo emigrado no tempo em que está fora engendraram um novo sujeito, irremediavelmente dividido entre a origem perdida e o mundo que escolheu.

A emigração com motivação política – como a dos adolescentes siberianos em busca de liberdade – nem sempre é possível. Se o deslocamento territorial é impedido, ou se a coragem necessária para realizá-lo é insuficiente, a emigração fica no âmbito da metáfora, o que, ao invés de diminuir suas implicações, pode ampliá-las. Essa é uma das representações que encontramos em *Requiem pour l’Est* (MAKINE, 2000, p.13):

Sempre vivi na certeza de que a casa que abrigou o amor deles e mais tarde meu nascimento estava mais próxima da noite e de suas constelações do que da vida desse imenso país do qual eles tinham conseguido fugir sem deixar o território. Esse país os rodeava, os cercava, mas eles estavam em outro lugar. E se ele acabou por descobri-los nos remotos bosques do Cáucaso, foi só o acaso de um jogo de símbolos.

Esse é o primeiro parágrafo do texto em que o narrador, um médico que trabalha para o serviço de informações soviético, retrata o percurso de seu avô

e de seu pai, ambos rebeldes à opressão do regime bolchevique. Talvez, mais do que a inaceitação da atuação do governo, seja a inconformação com as mudanças na vida cotidiana que os move a tomar posições contrárias às autoridades. Trata-se, na verdade, da tentativa de não perder traços identitários que prezavam e que assumiam realmente como seus.

O isolamento nas montanhas russas representa uma emigração parcial, que se distanciaria somente do que é experimentado negativamente. A permanência no ambiente familiar – a brancura quase permanente da neve, os odores da floresta virgem, o silêncio de uma natureza quase petrificada – lhes garante a ilusão de habitarem a Rússia, o país que não mais existe, em plena União Soviética: “Em seu refúgio montanhoso, eles acreditavam estar livres do culto que o país e até o planeta dedicavam a um ancião que vivia consumido pelo medo de não ter matado aqueles que poderiam matá-lo. [...] Eles, eles tinham esse privilégio de não evocar seu nome.” (MAKINE, 2000, p.13) Entre a recusa de permanecer no novo país e a impossibilidade de partir, cria-se um território imaginário, um lar, quase um casulo que aguarda o momento de se abrir para um novo mundo, dessa vez aceito e mesmo desejado.

A narrativa é uma homenagem a um passado e a um país que o narrador não conheceu. Todavia, trabalhando para o sistema, ele também será um deslocado. Suas funções de médico e/ou espião são exercidas onde o serviço de informações decide serem necessárias. Sem opção de fixação em nenhum lugar, o narrador perde inclusive sua primeira marca identitária, o nome, que, por segurança, precisa ser modificado a cada nova missão. Mas, até os nômades têm laços: às vezes temporários com o lugar em que estão, às vezes interinos com grupos locais. Esse narrador nômade, cujo verdadeiro nome só é usado em algumas situações pela mulher amada, tem consciência do esfacelamento de sua identidade e da ruptura definitiva com a ideia de um território que poderia chamar de pátria:

A alcunha de “país fantasma” me perseguiu algum tempo como um refrão obcecante no qual a memória provoca um curto-circuito. E também esse lamento: era preciso ter intervindo, tentado explicar, lhes dizer que... Mais tarde, à noite, eu pensei nessa dor fantasma que sente um ferido após a amputação. Ele sente bem carnalmente a vida do braço ou da perna que acabou de perder. Eu me dizia que também acontece isso com o país natal, com a pátria, perdida ou reduzida ao estado de uma sombra e que desperta em nós, ao mesmo tempo dilaceração e amor, nas pulsações mais íntimas das veias rompidas. (MAKINE, 2000, p.258)

O nômade, tal como descreve o narrador, que tem extirpada a origem e cortadas as ligações com qualquer território ou equivalente, vive a “vida anômala” que Edward Said atribui exclusivamente ao exilado. Embora o banimento não seja oficial, ele acontece de fato e, contraditoriamente, em nome do trabalho para a

pátria que o exclui de seu aprisco. A descoberta do caráter fantasmagórico do país que já havia deixado há algum tempo – após sair do serviço secreto, o narrador se instala em Paris – choca no primeiro momento, mas a reflexão traz à consciência a natureza da dor provocada pela morte metafórica do soviético que ele fora. O fantasma, substância etérea, memória do corpo perdido, assombra a identidade fragmentada. A narrativa da perda é, assim, uma tentativa de colar pedaços e lhes dar uma forma, com fissuras aparentes e elementos heteróclitos.

Dentre os personagens deslocados de Makine, Aliocha, o narrador do *Testamento francês* (1998), talvez seja o mais reflexivo, o que mais destrincha motivações, implicações e movimentos do deslocamento territorial. Quando pequeno, passava as férias na casa de sua avó, no interior da Sibéria. Charlotte é francesa e ensina aos netos a língua e a literatura da França, bem como lhes transmite uma certa imagem do país que será definitiva para as escolhas do narrador.

Antes mesmo de seguir o caminho inverso de sua avó – e se mudar para Paris –, Aliocha já é um deslocado dentro de seu próprio país. O aprendizado da língua, a incorporação das imagens e a vivência na França de Charlotte, durante a leitura nas noites siberianas, dão a Aliocha uma identidade dupla, oscilante entre o russo do país caracterizado por contatos tênues com o estrangeiro e o francês herdeiro de figuras e valores de uma França que não existe mais. Essa duplicidade é visível e gera desconforto:

A sociedade em miniatura de meus colegas manifestava a meu respeito ora uma condescendência distraída (eu era um “não maduro”, não fumava e não contava histórias salazes em que os órgãos genitais, masculinos e femininos, se tornavam personagens integrais), ora uma agressividade cuja violência me deixava atônito: eu me sentia muito pouco diferente dos outros, não me acreditava digno de tanta hostilidade. É verdade que eu não me extasiava com os filmes que a mini-sociedade deles comentava durante os recreios, não distinguia os times de futebol de que eram torcedores apaixonados. Minha ignorância os ofendia. Viam nela um desafio. Atacavam-me com suas zombarias, com seus punhos. (MAKINE, 1998, p.132).

A incorporação de elementos franceses parece ocupar o espaço destinado aos elementos russos, que, então, não são assimilados. Aliocha é diferente porque apesar de viver no mesmo lugar e de falar a mesma língua não apresenta os traços que, para essa mini-sociedade, caracteriza seus membros. O choque da alteridade provoca duas das piores reações possíveis: a indiferença e a hostilidade. Aliocha torna-se um deslocado sem sair fisicamente de seu país, sem ter ainda o projeto de mudança. Sua diferença, oriunda do contato com o outro apresentado e representado por Charlotte, tem como consequência a exclusão do grupo ao qual pensa pertencer e, portanto, quer pertencer.

Essa experiência, vivida na adolescência, é o prenúncio da vida futura do narrador. Entre isolamento, rejeição do “enxerto fabuloso” (MAKINE, 1998, p.42) – a língua francesa – e, finalmente, a partida em direção à França, a identidade heterogênea será motivo de sofrimento: “Eu ia àquela cidadezinha sonolenta, perdida no meio das estepes, para destruir a França. Era preciso liquidar aquela França de Charlotte que fizera de mim um estranho mutante, incapaz de viver no mundo real.” (MAKINE, 1998, p.217)

Mas, qual seria o mundo real? A União Soviética ainda no período da guerra fria? A França de François Mitterrand? Para acertar as contas com esse mundo irreal, o adolescente revoltado e cheio de si sai da casa de sua tia sem avisar que vai visitar sua avó. Uma fuga que prefigura a partida definitiva:

Assim começou nosso verão, meu último verão passado na casa de Charlotte. Na manhã seguinte, acordei com o sentimento de ser enfim eu mesmo. Uma grande calma, a uma vez amarga e serena, se propagava em mim. Não tinha mais que me debater entre minhas identidades russa e francesa. Eu me aceitei. (MAKINE, 1998, p.231)

É ao lado de Charlotte, personagem tão deslocado e fragmentado quanto ele, que o narrador se conscientiza da impossibilidade de unificar e homogeneizar suas identidades. A aceitação da pluralidade identitária e da condição definitiva de deslocado é fundamental para evitar o colapso. Ao chegar à França, Aliocha também é diferente e também vai sofrer por causa disso. Mas a aceitação da própria diferença é um passaporte para a movimentação entre culturas, situação cada vez mais corriqueira no mundo real em que Aliocha decidiu viver. Ao começar sua carreira de escritor, ele faz dessa diferença sua matéria-prima e reconstrói no texto o percurso de construção identitária. Refugiado – “Eu só tinha documentos de refugiado, além de uma autorização de viagem que me permitia visitar ‘todos os países, salvo a URSS’.” (MAKINE, 1998, p.280) –, emigrado – o descontentamento com as perspectivas sociais da União Soviética é decisivo para sua partida –, Aliocha, ao se tornar escritor, também é um expatriado, como Hemingway e Fitzgerald citados por Edward Said.

A busca do Graal

Em *Sobre o nomadismo*, Maffesoli (2001, p.22) apresenta a errância como uma tendência permanente do ser humano – uma pulsão – que se manifestaria com mais frequência em alguns períodos como uma reação a tentativas de fixação. O sociólogo entende que, na época contemporânea, esse movimento é particularmente forte em oposição ao “compromisso de residência” instituído na modernidade. Destaca ainda a sobrevivência de um mito antigo e de seus avatares:

O mito do cavaleiro errante, quaisquer que sejam as figuras contemporâneas que possa assumir, continua presente no imaginário coletivo. No próprio quadro das sociedades industriais a pulsão da viagem, a busca do sol está longe de ser marginal. São também modulações da procura do Graal. (MAFFESOLI, 2001, p.40)

A perambulação do cavaleiro lhe permite viver aventuras que aumentam seu prestígio e lhe oportunizam reunir riquezas. Poucos se fixam em algum lugar após uma carreira errante, mas os relatos do caminho sempre apresentam objetos, costumes, pessoas diferentes nos reinos que visita (ou invade). O cavaleiro, por não ter para onde voltar e por não ter um laço de pertencimento pelo qual lutar, torna-se mais poroso às diferenças encontradas em seu percurso. Nos textos de Makine, as peripécias vividas pelos personagens em deslocamento rumo à França nos remetem a essa figura do cavaleiro errante medieval.

Mitia, o narrador de *Au temps du fleuve Amour* (MAKINE, 1994, p.241-242), descreve assim parte de seu caminho em direção ao Ocidente:

Cheguei em Leningrado depois de dezesseis horas de viagem. Sempre em terceira classe. Frequentemente sem bilhete. Dormindo sobre os portabagagens, enganando os fiscais, comendo o pão gratuito nas lanchonetes das estações. Eu tinha atravessado o Império de uma ponta à outra – doze mil quilômetros. Tinha superado seus rios gigantes: Lena, Enissei, Ob, Kama, Volga... Tinha traspassado o Ural. Tinha visto Novosibirsk, que me pareceu como Nerloug, só que bem maior. Tinha descoberto Moscou, esmagadora, ciclópica, infinita. [...] Enfim, Leningrado, a única cidade realmente ocidental do Império.

O relato não deixa dúvidas quanto às dificuldades que passou no caminho. O rapaz que saiu de um vilarejo da Sibéria não é o mesmo que chega a Leningrado. Nessa cidade, uma escala de três anos para estudos retarda sua chegada ao tão desejado Ocidente. O percurso seguido pelo narrador também lhe garante o aprendizado necessário para suportar o choque cultural ao chegar ao Ocidente. Mas, o que leva Mitia – e outros personagens de Makine – a buscar com tanta obstinação esse Ocidente representado primordialmente – e quase exclusivamente – pela França?

Os deslocados de Makine, em sua maioria, apresentam duas características em comum: insatisfação com a vida sem perspectivas estimulantes na União Soviética e mitificação da França como terra de liberdade, amor e felicidade. A permanência na taiga branca e congelada, metonímia da vida monótona, praticamente imóvel, é fortemente rejeitada por aqueles que não suportam a fixidez que esse cenário lhes impõe. Na pena do escritor, a crise do homem pós-moderno chega à Sibéria e se torna uma alavanca para a construção de uma nova identidade russa, identidade que se fragmenta e se mescla a outras, em oposição ao *homo sovieticus*.

Essa construção identitária também resgata ligações e relações entre a Rússia de antes – ou seja, antes da revolução de 1917 – e países europeus. Nesse processo, o deslocamento é fundamental, pois favorece a identidade múltipla, encorajando a pluralidade de contatos com outros mundos e outros sujeitos:

A figura emblemática do momento leva a uma identidade em movimento, uma identidade frágil, uma identidade que não é mais, como foi o caso na modernidade, o único fundamento sólido da existência individual e social. A vida errante é uma vida de identidades múltiplas e às vezes contraditórias. Identidades plurais podendo conviver seja ao mesmo tempo seja, ao contrário, sucessivamente. Alguma coisa oscilante entre “a mesmice de si e a alteridade de si”. [...] a errância – e as múltiplas identidades que suscita – é antes de tudo um sinal de vitalidade, é a expressão de uma verdadeira sabedoria do precário, dedicando-se a viver intensamente o presente através de suas alegrias e de suas penas. (MAFFESOLI, 2001, p.117-118).

A errância que, para vários deslocados de Makine, também é um estágio anterior à chegada ao destino desejado, quase sempre a França, permite a observação e a problematização das contradições do sujeito que assume identidades plurais. A vitalidade de que fala o sociólogo se mostra, por exemplo, nas reflexões que fazem os deslocados sobre sua situação: a chegada ao destino não significa a transformação em outro pelo apagamento do que foi deixado para trás. Os deslocados de Makine têm uma profunda consciência das fissuras irremediáveis e das cicatrizes inapagáveis que são elementos de sua identidade, agora, múltipla. As tensões entre essas partes diferentes provocam nostalgia, melancolia, angústia, sofrimento. Mas essa complexidade é sempre melhor do que a imobilidade que abandonaram ao partirem.

A insistência quase obsessiva pela França como objetivo do deslocamento certamente se inspira na francofilia que o escritor demonstra, por exemplo, em *Cette France qu'on oublie d'aimer* (2006). Mas também resgata uma certa imagem da França: país da liberdade, da igualdade e da fraternidade, país do glamour de Versailles e da coragem da Revolução, país onde a beleza é exaltada apenas por si mesma, país onde o amor é mostrado em todas as artes e, sobretudo, país de uma língua precisa que produz uma literatura rica e fascinante. Essa imagem, que começou a perder força após a Primeira Guerra Mundial, sempre é transmitida aos jovens – que futuramente vão sair da União Soviética – por personagens que também são deslocados, mas que vivem na URSS: Charlotte, a avó francesa de Aliocha, em *O testamento francês*; Olga, a amiga misteriosa de um dos adolescentes, em *Au temps du fleuve Amour*; Alexandra, a enfermeira francesa e mãe adotiva do narrador de *La terre et le ciel de Jacques Dorme*.

A França que esses personagens descrevem é sempre fabulosa, geralmente a lembrança dourada do país que deixaram ao optar pelas neves eternas. Assim,

a imagem que constróem os ouvintes, já inconscientemente incomodados com a imobilidade em que vivem, é a de um lugar mítico, impossível de não ser desejado. A partida em direção a essa França se configura, pois, como uma das modulações da busca do Graal, de que fala Maffesoli. Não se trata necessariamente de encontrar o Graal, mas, sim, o castelo que o abriga. Castelo onde o maravilhoso – oposição clara à monotonia – é praticamente a rotina e onde os indivíduos mostram seus próprios méritos em cerimoniais esplendorosos. No *Testamento francês* (MAKINE, 1998, p.261), a associação entre a França e Atlântida corrobora a busca do país mítico que, evidentemente, nunca será encontrado. Como constata o narrador desse mesmo texto: “Foi na França que quase esqueci definitivamente a França de Charlotte”.

Algumas conclusões

O desenraizamento e o surgimento de um número cada vez maior de deslocados têm sido estudados por teóricos e tematizados pela literatura. Ao falar dos desconfortos de não encontrar um lugar que possa ser chamado de *chez soi*, Zygmunt Bauman (2005, p.20) destaca que “[...] se pode fazer desse fato de não ter escolha uma vocação, uma missão, um destino conscientemente escolhido – ainda mais pelos benefícios que tal decisão pode trazer para os que a tomam e a levam a cabo, e pelos prováveis benefícios que estes podem então oferecer a outras pessoas.”

Essa vocação tem sido demonstrada por um número cada vez mais significativo de escritores que se deslocam e decidem escrever sua obra na língua do país para o qual se dirigiram. Se pensarmos em termos de produção literária em língua francesa, poderíamos citar dezenas de exemplos, como Andreï Makine, Vassilis Alexakis, Daí Sijie, Nancy Huston, François Cheng, Hector Bianciotti, Agota Kriztof, Serge Kokis, Gao Xingjian, Irène Némirovsky, para citar alguns nomes já consagrados por instâncias legitimadoras (Academias, Prêmios literários) e pela vendagem de seus livros.

Esses escritores desenraizados incluem em seus textos personagens deslocados cujos percursos, incluindo dificuldades e vitórias, se inspiram em aspectos autobiográficos, mas não se restringem a isso. Na verdade, um grande número de representações dos diferentes tipos de deslocados é exposto diante do leitor. No texto de Makine, a análise fina das sensações, impressões e sentimentos desses personagens destaca a tensão permanente que garante um certo equilíbrio: entre uma nostalgia mais metafísica do que sensitiva e um choque com a alteridade mais empírico do que racionalizado, o deslocado assume a impossibilidade de ser outra coisa que não um estrangeiro. Tzvetan Todorov (1999, p.27) expressa particularmente bem essa dialética:

O homem desenraizado, arrancado de seu meio, de seu país, sofre em um primeiro momento: é muito mais agradável viver entre os seus. No entanto, ele pode tirar proveito de sua experiência. Aprende a não mais confundir o real com o ideal, nem a cultura com a natureza: não é porque os indivíduos se conduzem de forma diferente que deixam de ser humanos. Às vezes ele fecha-se em um ressentimento, nascido do desprezo ou da hostilidade dos anfitriões. Mas, se consegue superá-lo, descobre a curiosidade e aprende a tolerância. Sua presença entre os “autóctones” exerce por sua vez um efeito desenraizador: confundindo com seus hábitos, desconcertando com seu comportamento e seus julgamentos, pode ajudar alguns a engajar-se nesta mesma visão de desligamento com relação ao que vem naturalmente através da interrogação e do espanto.

Os personagens de Makine experimentam as trocas e as sensações de fracasso e sucesso, rejeição e acolhimento, como descreve Todorov. Essas experiências são individuais. Trata-se de um deslocado que se instala em um país e que observa as fricções e as interpenetrações entre culturas e línguas, que vive o papel de referência positiva – apenas em algumas circunstâncias, é preciso destacar – e de estrangeiro recusado por seu caráter ameaçadoramente diferente. O deslocado makiniano, quase sempre, se estabelece em outro lugar, deixando de ser errante. Mesmo que o castelo do Graal não tenha sido encontrado, o caminho seguido nessa busca lhe permite reconfigurar os fragmentos identitários que se acumularam no percurso e, mantendo sua diferença, se estabelecer em algum lugar. Assim, os “autóctones” de que fala Todorov tendem a vê-lo como parte do local, ainda que sem laços de pertencimento.

Ao defender a pulsão da errância na pós-modernidade, Maffesoli (2001) prioriza práticas individuais ou de pequenos grupos. A errância absoluta, assumida como marca identitária intrínseca e praticada por grandes grupos, que vem atravessando os séculos, ainda é rejeitada. Em artigo publicado no jornal *Le Monde*, o filósofo André Glucksmann (2010), discutindo as implicações da recente expulsão de um grande número de ciganos da França, afirma: “O europeu pós-moderno se vangloria de ter quebrado tabus que travavam sua liberdade, mas refugia diante do emigrado e se horroriza diante do estrangeiro ao quadrado, o errante absoluto por tradição e vontade. Entendamos que se trata menos da rejeição do outro do que de uma recusa de si.”

Esse deslocamento por convicção, sem previsão de estabelecimento, ainda é pouco representado na produção literária contemporânea em língua francesa. Embora haja representações individuais de ciganos, a errância do grupo e os contatos e relações que estabelece com o local de destino temporário ainda não foram – até onde pudemos pesquisar – discutidos no texto literário. Mas talvez venham a sê-lo. Levando em conta a “disponibilidade para o inédito” inerente ao

contemporâneo, de que fala Noudelmann (2010, p.45), talvez esse seja um tema que a literatura ainda vai problematizar.

Retomando a frase de Mallarmé, que inspirou o início desse texto, podemos dizer que, se a caracterização do contemporâneo é complexa e arriscada, o reconhecimento de inquietações comuns a textos literários de autores diferentes indica um dos caminhos trilhados na contemporaneidade. As interseções entre a reflexão histórica, filosófica, sociológica e a problematização na trama literária apontam para questões que inquietam vários campos do saber e das artes, confirmando, assim, sua importância na discussão do contemporâneo.

ALMEIDA, C. Representations of displacement in literary texts. **Itinerários**, Araraquara, p.111-125, Jan./June 2011.

■ **Abstract:** *The notion of contemporaneity has been discussed by many researchers and while some regard it with suspicion others think of it with enthusiasm. A fact that has become more and more frequent in the present days has also been very frequent in the last twenty-five year literary texts too: human displacement, which has shown both different motivations and implications. Exiled, refugee, expatriate, emigrated, stateless are some of the words used to indicate those differences. In the literary text, the consequences of displacement for the construction of identity are discussed in a spectrum of varied representations which confirms the relevance of the study of displacement as one of the features present in contemporaneous literature. In the literary works of Andreï Makine, the move, usually towards France, is configured as a mythic quest for place, as the quest for the Grail which escapes the definitive apprehension, like in the legend.*

■ **Keywords:** *Contemporaneity. Displacement. Andreï Makine. Otherness. Identity*

Referências

BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BESSIÈRE, J. **Le roman contemporain ou la problématique du monde**. Paris: PUF, 2010.

GLUCKSMANN, A. Roms, France, Europe: halte aux fanatismes. **Le Monde**, Paris, 31 ago. 2010. Disponível em: <http://abonnes.lemonde.fr/idees/article/2010/08/31/roms-france-europe-halte-aux-fanatismes_1404848_3232.html>. Acesso em 31 ago. 2010.

O MAGNÍFICO. Direção: Philippe de Broca. Produção: Alexandre Monouchkine e Georges Dancigers. Roteiro: Francis Veber. Produzido por: Les films Ariane, Mondex Films, Cerito Films, Simar Films Paris – Oceania Films S.p.a., Rizoli Film S.p.a Rome. França: Cerito Films, 1973.

MAFFESOLI, M. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAKINE, A. **A terra e o céu de Jacques Dorme**. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

_____. **Cette France qu'on oublie d'aimer**. Paris: Flammarion, 2006.

_____. **Requiem pour l'Est**. Paris: Mercure de France, 2000.

_____. **O testamento francês**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Au temps du fleuve amour**. Paris: Editions du Félin, 1994.

MALLARMÉ, S. **Divagations**. Paris: Eugène Fasquelle, 1897.

NOUDELMANN, F. Le contemporain sans époque: une affaire de rythme. In: RUFFEL, Lionel (Org.) **Qu'est-ce que le contemporain?**. Nantes: Cécile Défaut, 2010. p59-75.

SAID, E. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TODOROV, T. **O homem desenraizado**. Tradução de Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VIART, D.; MERCIER, B. **La littérature française au présent**. Héritage, modernité, mutations. Paris: Bordas, 2005.

Recebido em 09/09/2010

Aceito em 18/02/2011



